

MAURIZIO MIGLIORI E A *DESORDEM ORDENADA*: RESULTADO DE UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DE PLATÃO¹

Francesca Eustacchi²

MIGLIORI, Maurizio. **Il disordine ordinato**. La filosofia dialettica di Platone. Morcelliana, Brescia, It. 2013, 2 Voll.: I. Dialettica, metafísica e cosmologia; II. Dall'anima alla prassi ética e política.

Migliori, neste denso trabalho de 1500 páginas oferece uma interpretação complexa sobre o pensamento de Platão com resultado original seja na leitura analítica dos textos, plenos de pontos analíticos originais, seja na interpretação geral, com resultados completamente novos, formando uma consistente contribuição à leitura e à compreensão do pensamento do filósofo ateniense. Confirma de particular modo o juízo expresso por Giovanni Reale (*Autotestemunhos e reenvio dos diálogos de Platão às "Doutrinas não escritas"*, Bompiani, Milano 2008, p. 252-253): "Migliori aceita plenamente a categoria do quadro do novo paradigma", com várias características próprias; no entanto a sua é uma "posição particular". Isto não se constitui um problema: pois que "o novo paradigma hermenêutico da Escola de Tubinga e de Milão não se constitui de dogmas, mas apresenta uma imposição metodológica de pesquisa científica, que pode e deve admitir no seu interior divergências de vários gêneros".

Um trabalho denso, mas muito compreensível

Migliori atrai rapidamente a atenção do leitor sobre o significado da sua obra com uma pergunta inicial: "*Que loucas ambições* pode ter armado a mão de quem se empenhou a escrever este livro?" (p.7). O problema, para todos os efeitos, surge quase espontaneamente só olhando a dimensão do trabalho. Entretanto clara é pois a resposta: "Nenhuma *ilusória ambição*, mas um *desejo*, uma *constatação*, uma *necessidade*, uma *convicção* e uma *esperança*". O *desejo* é para pagar o débito nos confrontos com Platão, "uma presença constante em minha vida, desde quando tinha dezesseis anos", contribuindo com a leitura e a compreensão das suas obras e do seu pensamento. A *constatação* é para o que se pode definir como "um mistério que não deveria existir": "diante da totalidade dos escritos platônicos, um confronto plurisecular não tem ao menos um *plafond* comum, um quadro unitário a partir do qual se possa traçar um debate, talvez acalorado". A *necessidade* é para colocar à prova até ao fundo a definida por Giovanni Reale um *novo paradigma hermenêutico*. A *convicção* é para: "se é assim louco de enfrentar um tema do gênero, é melhor ser coerente, dando uma *forma e uma dimensão louca* a uma *empresa louca*". Enfim a *esperança*: "que o cansaço que enfrentou *com o espírito de outros tempos* ajude a melhores compreensões sobre os diálogos".

Portanto, a vastidão da obra justificada pelo próprio Autor e, ainda, de outro dado que emerge da leitura: uma proposta deste gênero, para ser acreditada, necessita que haja grande esforço analítico e um adequado confronto com os trabalhos precedentes. Migliori não só cita uma miríade de estudos, mas engloba também contribuições distantes da sua imposição, às vezes polimizando mas muito mais valorizando-as com grande honestidade intelectual. Nenhuma orientação é excluída à priori; em outras vezes são utilizadas também contribuições do âmbito linguístico sempre descuradas (como exemplo os da América do Sul). Isto explica também porque o autor decidiu enfrentar os vários temas seguindo uma ordem "clássica"; os escritos platônicos, a filosofia dialética, a metafísica e a protologia, a alma, a ética e a política, com três apêndices finais nos quais

¹ Tradução de: Dr^a Regina Maria Zanatta. Pesquisadora Visitante na Universidade de Macerata – Itália. Docente e Pesquisadora da Universidade Estadual de Maringá, PR, BR.

² Francesca Eustacchi, doutoranda em Filosofia e Teoria em Ciências Humanas pela Universidade de Macerata – Itália.
E-mail: nina.esper@hotmail.com

confinou temas "particulares", que considerou-os por não poder ignorar (a vida de Platão; a utilizou das testemunhas indiretas, a partir de Aristóteles; uma reflexão metodológica sobre a hermenêutica dos textos). O livro explicita grande atenção ao leitor que é ajudado pelo estilo fluente, traduzindo todos os textos em língua estrangeira (não tem uma palavra em grego sem tradução), pelos índices dos passos platônicos e pelos nomes e, enfim, pelos densos *abstracts* colocados no início de cada capítulo. Este último instrumento é particularmente útil para a leitura de um texto, que explicitamente, quer prestar-se a uma dupla fruição: a do estudioso especialista e a da pessoa de cultura que quer conhecer Platão; para este objetivo, a discussão erudita é colocada em nota.

A reflexão metodológica

A novidade proposta por Migliori emerge da atenta e aprofundada reflexão metodológica. O Autor se declara "servo" do texto (de fato a exposição é literalmente farta de citações tratadas nos diálogos): o seu interesse é fazer emergir, o quanto possível, o pensamento de Platão; por isto recorre às contribuições de outros estudiosos na medida em que ajudam na compreensão do texto, evitando questões tradicionais até para si mesmo.

O Autor explicita também a escolha metodológica que lhe pareceu necessária para dar a interpretação mais objetiva possível dos textos platônicos. Podemos sublinhar três dados:

1. "Necessita que o quadro final seja coerente e dê razão seja ao inteiro seja à totalidade das partes seja às simples partes. Somente com estas condições é possível resolver aquilo que parece um problema sem solução o das interpretações dos diversos passos e até mesmo o dos diálogos. A filosofia de Platão não é a fantasia de Arlequim: as partes devem dar lugar a um quadro coerente" (p.1254); portanto, também nos simples passos ocorre propor uma interpretação que dê conta do maior número possível de elementos textuais;

2. A análise de um texto deve levar em conta o fato de que cada interpretação depende em certa medida de uma série de pré-compreensão, da qual precisa ter consciência; portanto, precisa de ser cômico ou crítico para com o próprio paradigma hermenêutico porque cada impostação tem valor e limite. O processo hermenêutico assim ativado não deixa transparente o texto, mas constroi um processo infinito de aproximações, conquistando um nível de compreensão cada vez mais alto que pode e deve determinar também a "correção" do paradigma ativado.

3. luz de quanto foi dito e se compreende porque o estudo de Migliori não toma o caminho das doutrinas não escritas - procedimento definido não metodologicamente correto - mas se mantém concentrado sob as análises textuais dos diálogos. Isto não significa que os textos platônicos sejam autárquicos e que a tradição indireta não merece consideração, como alguns sustentam. Ao contrário, é próprio das análises fazer emergir a incompleta estrutura que Platão comunicou por meio dos diálogos e sobretudo demonstrar que esta incompletude é propósito do filósofo.

O conceito de jogo filosófico

Tal operação não tem de fato em Platão um sentido cético ou problemático. Quem intervém na ideia central que Migliori explicita no primeiro capítulo (*Como escreve Platão*), dedicado à indagação sobre as características peculiares da escrita platônica, como chave para resolver um "mistério que não deveria ser"; aquele da falta de terreno interpretativo comum ao propósito de um filósofo cuja leitura foi realizada de todos os escritos. Estes são parte integrante de um "jogo protrético", no qual o Mestre de Atenas provoca o leitor - como sempre afirma no *Fedro* - não transmitindo-lhes conteúdo para assumir passivamente, mas provocando-os com estímulos que os levam a *fazer filosofia*. Platão conserva assim o coração da maiêutica socrática: *não se aprende filosofia, é preciso fazê-la*; por isto propõe continuamente ao leitor provocações, sugestões, enigmas para resolver, para induzir a buscar soluções, que talvez apareçam outras no texto escrito, isto, é na obra sucessiva e, em última instância, além do escrito.

A individuação deste "jogo" platônico pede, segundo Migliori, uma grande atenção crítica, com pena de utilizá-lo arbitrariamente ao modo *passerpartout* para resolver todos os problemas, um pouco como é mesmo e se

cai com as leituras da "ironia" platônica. O Autor propõe por isto uma série de exemplos textuais nos quais tais dados emergem.

A assunção desta chave interpretativa descortina a hipótese evolutiva: os diálogos nas suas sucessões não respeitam a maturação do pensamento do autor mas constroem um itinerário *in progress* em função do crescimento filosófico de um leitor em potencial. Sobre este âmbito Migliori registra o *grande e positivo fracasso de Platão*. De uma parte, de fato não atingiu o resultado que se propunha: nenhum depois dele pensou sobre escrever em termos de jogo, pelo contrário a escrita foi interpretada e usada como função ostensiva e auto suficiente; como consequência "ninguém jogou com a sua filosofia", que foi objeto de infinita discussão. De outra parte, porém, sobre o terreno do *fazer filosofia* conseguiu grande sucesso: por 2500 anos foi mestre de todo o Ocidente, que obrigou a pensar por meio de provocações disseminadas nos seus diálogos; toda a nossa tradição é, como disse Whitehead, uma série de notas à margem dos diálogos de Platão.

Portanto para Migliori se trata de aceitar e *jogar com Platão*, o que permite descobrir no texto um segundo dado central: a necessidade de respeitar a estrutural polivalência do discurso platônico. Os exemplos que o Autor propõe mostram que no filósofo ateniense tem uma irreduzível multiplicidade de aproximações, uma pluralidade conceitual encontradas não só no interior dos mesmos diálogos, mas também em simples obras. Esta multiplicidade estrutural, sempre lida como uma mudança de opinião, leva a renunciar à pretensão de reconduzir o pensamento de Platão sempre a uma única chave de leitura, fazendo emergir a rica complexidade.

Entre tantos exemplos de tal aproximação que Migliori fornece é particularmente eloquente aquele proposto no V capítulo dedicado a *O problema da alma*: a aparente contradição entre a unidade (seja da alma seja do ser humano) e multiplicidade (seja do ser humano, composto de alma e corpo, seja das diversas funções de comando da psiché) é superável no interior do modelo platônico inteiro-partes: seja a alma seja o ser humano é um inteiro, por isto como tal estão juntos ordenados em partes, com uma função de comando (no ser humano a alma, na alma a parte racional). Sobre esta base Migliori mostra a facilidade que Platão tem ao passar de uma leitura unitária da alma a uma binária e a uma ternária: quando se trata do ser humano, fala da psiché em sentido unitário, porque quer sublinhar a sua função de domínio sobre o corpo; quando apresenta a estrutura da alma em chave ontológica propõe um esquema binário, porque a questão fundamental é a distinção entre a parte divina imortal e a da humana mortal; quando fornece uma descrição da sua operatividade, recorre a um modelo ternário.

A pluralidade da aproximação se propõe novamente na conexão do tema da imortalidade e do destino da alma humana. Em certo sentido a alma é mortal e em outro imortal. A alma tripartida, sendo composta, não pode ser imortal, enquanto a alma, na sua natureza mais verdadeira, isto é como alma divina e racional, o é. Sobre este terreno Migliori formula também uma tese muito original, que explica alguns mitos (em particular o de Eros e a figura da biga alada) e afirmações platônicas: estes induzem a distinguir entre o conceito de imortalidade, que resguarda sobretudo a alma racional e divina, e o de *sobrevivência pro tempore*, resguardando toda a alma tripartida que vive segundo um ciclo mais longo daquele do corpo, reincarnando-se mais vezes, antes que as partes mortais sucumbam.

Uma filosofia dialética respeitosa do empírico

A dinâmica inteiro-partes, apenas vista, nos leva diretamente ao coração teórico do pensamento platônico (desenvolvido a partir do II capítulo do livro), que se configura como uma dialética. Migliori entende este termo como de forte sentido, distinguindo-o da dialógica e da antilógica, "uma distinção que pode parecer terminologia mas que é decisiva sobre o plano conceitual" (p.317). Como *dialógica* se refere à técnica de discutir e/ou interrogar, um "procedimento educativo de rico valor eurístico, que tem no pensamento antigo dois altíssimos momentos, um auroral em Sócrates, aprofundado por Platão, e um formalizado nos *Tópicos* e nas *Confrontações sofísticas de Aristóteles*" (p. 309); como *antilógica* se reenvia à técnica eurística, cujo objeto é *só de abater o adversário*; "como *dialética* entendemos uma posição filosófica que se declara explicitamente por uma prioridade originária das diferenças, que vê na realidade um jogo constante de termos que *renomeamos* para sempre *distinguir-se e contrapor-se*, e que procura inventar/propor um instrumento adequado à natureza de tal realidade" (p. 310).

O uso de tal "instrumento" tem a sua razão de ser na natureza de cada elemento do real que é tanto um, quanto múltiplo: cada realidade pode ser vista como uma unidade, isto é como um inteiro, ou como unidas as partes, isto é como múltiplas. Platão chega por esta via para afirmar a absoluta "identidade" de um e de muitos (*Filebo* 15D4-8): cada ente é ao mesmo tempo um e muitos. Desta uni-multiplicidade do real deriva o problema

cuja impostação dialética tenta dar resposta, reconhecendo que isso não pode ser resolvido a nível físico, mas requer uma superação. Precisa por os "postulados" em um plano diverso da realidade empírica que resolvam os problemas do nosso mundo. A filosofia de Platão não é portanto uma abstrata metafísica, mas a investigação sobre um inteiro composto 1) do modo físico da nossa experiência, que vai explicado e fundado com base em 2) uma realidade superior, a das Idéias e dos Princípios.

A necessidade de ressaltar tais elementos fundantes obriga o filósofo a elaborar uma visão do conhecimento, que não esquece o limite da condição humana. Por isto Platão, de uma parte afirma a verdade das suas teses, de outra, como Migliori evidencia, usa continuamente o estilo "para o quanto é possível", que fornecem menos peremptórios e muitas afirmações. Ainda a isto o filósofo dá relevância ao conceito de "provável" que utiliza seja em referência aos dados empíricos, sujeitos à mudanças instáveis em si, seja a respeito da realidade primeira, estável mas longe e obscura. Portanto as teorias humanas não vão nunca caracterizadas como absolutas, mas como *válidas até prova contrária* e em alguns casos também só como *melhores de outras possíveis*.

O problema vem enfrentado de modo muito radical na *Carta Sétima* (342A7-B3), na qual Platão apresenta diversos graus de conhecimento: 1. o nome, 2. a definição, 3. a imagem, 4. a esfera superior e "psíquica": a opinião verdadeira, a ciência, a inteligência *nousética*. Se dá ciência das coisas, ou melhor é possível conseguir o nível superior do *nous*, mas sem esquecer todas as outras passagens, a partir da primeira que, para Platão, é tanto "universal" quanto estruturalmente débil, para não dizer mesmo enganável. Mas a coisa mais importante é que o filósofo põe em quinto lugar o objeto cognoscível, o *verdadeiro ser* que por isto ficam sempre *outros* no máximo nível cognitivo. Como consequência não é possível uma consciência humana perfeita, o que é explicitamente reservada à divindade, mas fica a afirmação contínua de uma ciência que é capaz de colher o verdadeiro, mesmo com os limites humanos acima delineados.

Além disto, como Migliori sublinha, a estreita ligação entre a atenção para a esfera empírica e a filosofia como busca dialética que leva a uma realidade superior até aos Princípios primeiros comporta uma pesquisa que não acaba nunca. Isto é não cai como efeito de um fracasso mas pelo sucesso conseguido. A individualização dos postulados superiores que resolvem os problemas colocados a nível inferior modifica inteiramente o quadro das indagações, portanto requer sua revisitação; esta coloca à luz novos problemas, antes não colhidos, que levam a um novo "ressalto", com um processo circular (hermenêutico) que em um ser limitado como o homem foi destinado a não exaurir-se nunca.

Como consequência o sistema platônico foi estruturado, mas não de modo dogmático: tanto de um modo fechado (por algumas convicções de fundo e de verdade que, se bem não sejam absolutas, são como se tais fossem), quanto de um modo aberto (a pesquisa dialética, a partir da tese que considera definitiva, descobre novos problemas, que para obter resultados requerem uma reconsideração de todo o sistema).

Nesta análise do sistema, que aqui não se pode propor, Migliori sublinha um elemento quasi sempre subvalorizado: a presença importante do dado empírico. Um exemplo peculiar é fornecido da conexão entre anamnesi e sensação. A primeira, posse prenatal da alma, uma série de apriori necessários para ativar qualquer tipo de conhecimento, vem *despertada* pela sensação; após um longo processo racional de aprofundamento a faz formar um verdadeiro conhecimento. Tais a-priori se apresentam, de uma parte como simples pré-condição própria de todos os seres humanos (aquela que qualquer ser humano pode "ver bela" uma coisa que é), da outra, como conhecimento próprio dos filósofos, os quais só são em grau de fazer a operação racional solicitada (e dá o exemplo que a Ideia do "belo em si" que Diotima no *Simpósio* põe ao cume da subida na direção do mundo das Ideias).

Migliori sublinha uma dinâmica análoga na distinção entre *doxa* e *episteme*. Para confirmar a sua estrutura de pluralidade Platão propõe dois modelos: 1) o binário cuja *doxa* e *episteme* são opostas (a primeira se ocupa dos objetos sensíveis em tudo instáveis, enquanto a segunda pergunta sobre a realidade estável e realiza o verdadeiro conhecimento); 2) o ternário no qual a *doxa* é intermediária entre o saber e a ignorância e por isto tem valor cognoscitivo, tanto quanto pode ser "verdadeiro"; pode se relacionar a uma série de causas racionais e conduzir ao conhecimento epistêmico. A valorização da *doxa* de forma particularmente positiva em âmbito prático, na qual constitui uma guia tão adequada quanto a ciência; a posição da cor que se afirma a nível da *doxa* vai todavia criticada: as opiniões, para serem majoritariamente estáveis e eficazes, devem estar conectadas ao conhecimento superior.

O tratamento sobre a dialética vem completado com um aprofundamento olhado pelo seu instrumento técnico por excelência, ou seja a diaerese. Migliori individualiza sobre a base textual duas técnicas diaeréticas

fundamentais: 1) o clássico procedimento descendente (ou externo) distingue e une uma Ideia a uma multiplicidade de outras e, mostrando o jogo das relações no qual um dado é ligado, ajuda a buscá-lo na complexidade do real; 2) o analítico (ou interno) permite buscar a complexidade estrutural interna de cada Ideia, distinguindo e ordenando a multiplicidade das Ideias das quais é constituída. Tem pois um terceiro nexos, a nível da Metaideia, a causa da sua simplicidade e do seu elevado nível de abstração: o procedimento, exemplificado no *Sofista*, procura individualizar quais Metaideia se harmonizam e quais se excluem entre elas, e também (talvez sobretudo) quais se conectam e quais dividem a Ideia, e de que modo.

Sobre esta base, Migliori faz emergir o escopo da dialética não é tanto para resolver os simples problemas, quanto para produzir paradigmas úteis para uma visão *quanto mais possível* não aporética e complexa do inteiro real. O procedimento dialético, buscando os diversos nexos que ligam as partes da realidade seja entre eles seja no inteiro, levam a pensar em termos de complexidade e sistematicidade, procurando construir um *modelo explicativo* em cujo interior encontram explicações que, em uma visão diversa (não dialética) do real, podem parecer aporias irresolvíveis.

Metafísica e protologia

Uma outra contribuição particularmente original e utilíssima para a delineação do sistema ontoccosmológico de Platão, é inserido no III capítulo: o estudioso demonstra, com uma longa série de provas, que Platão entrelaça estreitamente *Timeo* e *Filebo*, convidando-nos assim a lê-los juntos. Deste modo se descobrem decisivas alusões aos elementos encontrados na metafísica e na cosmologia platônica. Migliori distingue um processo "ontogônico" e um "cosmogônico. O primeiro resguarda a geração *da realidade e opera os fatores que estão implicados no mesmo processo*, enquanto no segundo intervem a causa eficiente que fica externa. Os fatores do primeiro processo, são objeto do capítulo IV (*Ontologia, ontogonia e cosmogonia*) de uma atenta análise, são definidos no *Filebo* como pitagórica: *Apeiron*, o princípio de desordem, sobre o qual age *Peras*, princípio de ordem que dá lugar a um Misto, a realidade mais ou menos ordenada. Mas Platão não ignora o problema da causa que resolve com o demiurgo, o qual 1) consente a tal princípio de ordem, aos vários níveis da realidade (Ideia destacada), de operar eficazmente; 2) de realizar no mundo o Bem que vê na esfera ideal. Para uma análise aprofundada do *Timeo*, vem individualizada a sequência de passagens que estruturam a geração do cosmo: *Chora, Geração do Ser* constituem um primeiro nível de precondição da realidade (precedido porém dos números, coisa que Platão sublinha dizendo que são os "três dados"); pois tem o *Receptáculo*, matéria indefinida e caótica, que contem os proto-elementos da natureza ambígua e na qual a ação divina faz sair os verdadeiros elementos com formas geométricas inseridas. O resultado é uma realidade que Migliori enfatiza sobre a base de uma citação platônica que lhes junta *uma série de manifestos disto que Platão pensa do cosmo* (p.520): "seria portanto melhor afirmar, como muitas vezes havíamos dito, que no todo tem muito ilimitado e limite suficiente, e, acima disto, uma causa não para pouco, a qual, ordenando e regulando os anos, as estações e os meses, pode, a bom termo, ser chamada sapiência e inteligência" (30C3-7).

Se entende agora o sentido do belo título que Migliori deu ao seu trabalho: *A Desordem ordenada* que dá rapidamente ao leitor a ideia de que esta visão sistêmico-dialética de uma realidade vem qualificar-se como *uma emergência de ordem em um mar de desordem*.

Não é possível aqui seguir todas as análises dos vários diálogos, mas vale a pena assinalar ao menos três coisas. Migliori

1. explica sobre a base desta tração o fato que Platão no *Sofista* desenha a realidade nos termos do "agir e partir": a dinâmica cosmológica que caracteriza a ação dos princípios (um princípio ordenador que age sobre um de desordem, que sofre, ou seja acolhe a determinação, dando lugar a um misto) se impõe sobre todos os âmbitos do real e testemunha ulteriormente como a visão platônica do real não é uma ontologia estática, mas uma filosofia da *dynamis*, uma dialética;

2. evidencia como *Filebo* e *Timeo* explicitam elementos que se encontram também em muitos diálogos precedentes, coisa facilmente compreensível sobre a base do conceito de jogo; assim se explica, como exemplo, porque Platão voluntariamente desenha o Princípio de ordem de múltiplos modos: Bem e Princípio antes anipotético na *República*, Uno no *Parmênides*, *Peras* e *Misura* no *Filebo*;

3. mostra, com uma atenta análise o valor dos diálogos e sobretudo do *Filebo*, que toda realidade, Idéia comprimida, é um misto.

Ética e política

A visão metafísica apenas delineada constitui-se, segundo Migliori, como um fundamento unitário também para a ética e para a filosofia política de Platão. Esses de fato são partes integrantes de um sistema que se mostra holístico no sentido de que o filósofo não separa, como faria Aristóteles, os diversos âmbitos da pesquisa; não só por isto porém resulta em uma série de confusa "indistinção": ética, metafísica, cosmologia são partes diversas e todas presentes no *corpus platonicum*, mas mostram-se incompreensíveis e infundadas se não se dá conta da sua estreita conexão. De novo, é um problema a se enfrentar na chave inteiro-partes: para o inteiro se indica o sistema complexo da filosofia platônica, que tem uma impostação dialética unitária, entretanto a ética e a política são duas das partes que a constituem. E no inteiro, metafísica e protologia tem uma série de papéis de "comando".

A ética platônica mostra-se selada pela contraposição entre duas formas de vida, uma baseada sobre uma escolha racional e outra, socialmente preponderante, baseada sobre o prazer. Na primeira, é fundamental a *areté*, a virtude compreendida como realização das características próprias do ser humano. *Arete* na língua grega se identifica com a excelência, isto é consiste na realização de si, no cumprimento da própria natureza. Esta pode ser atribuída também às coisas e aos animais porque significa "desenvolver bem as próprias funções". Obviamente, o ser humano é mais complexo que os animais e as coisas: tem diversas funções, várias potencialidades, portanto tem muitas virtudes. Por isto se impõe, também neste caso, o problema da unidade e da multiplicidade, aplicada à virtude: é possível falar 1. seja das virtudes simples, que são diversas entre elas, 2. seja da virtude em geral, como conceito unitário que caracteriza todas e cada virtude, 3. seja, enfim da vida virtuosa na sua complexidade. Sobre a base textual, Migliori demonstra que Platão reconhece seja a profunda diferença que está entre as virtudes, seja a sua profunda unidade, baseada sobre a ordem e sobre a medida: todas as virtudes são assim porque exprimem, em relação a uma específica realidade, a justa medida, ou seja o justo meio entre os dois extremos do excesso e do defeito. Para comportar-se virtuosamente, individualizando a justa medida, ocorre o conhecimento: só a partir da realidade e da potencialidade do indivíduo é possível individualizar o excesso e o defeito dos quais se deve manter-se longe; isto explica a impossibilidade de sustentar que somos homens virtuosos ainda que ignorantes. O dado que todas as virtudes implicam em ciência constitui-se um ulterior nível de conexão e de unidade entre as virtudes. Como consequência, Platão afirma a superioridade da virtude intelectual, como a habilidade e a sabedoria, que dirigem as demais.

Migliori valoriza também dois elementos que confirmam a atenção do filósofo ateniense por dados concretos: 1) a *utilidade da virtude*, afirmada em uma série de diálogos (de *Alcebiades e Protágoras* a *Górgia*) de um ponto de vista prático, estabelecendo um estreito nexo entre o Bem e o útil: nenhuma coisa boa pode ser de toda inútil; 2) o ensino da virtude, tema decisivo enquanto os prazeres prevalecem somente por culpa da ignorância; tal ensino comporta de uma parte um conhecimento filosófico adequado, de outra uma atenção à praxis, enquanto se atualiza somente na experiência "prática".

A atitude polivalente emerge, por inúmeras vezes, sobre o tema do prazer. Platão, de uma parte sustenta muitas vezes a impossibilidade de uma vida humana feliz sem prazer, de outra critica ferozmente os prazeres e sobretudo o edonismo como posição teórica. Migliori individualiza a solução platônica desta aparente contradição: de uma parte aceita a condição limitada própria do ser humano, que tem necessidades e deseja satisfazê-las (e entre estas o prazer), da outra tem necessidade de uma atenta valorização racional, uma metretica. Esta parece ser um instrumento central não só para a virtude, mas também para os prazeres, enquanto consente 1. em individualizar um tipo dos prazeres de todo bom e positivo, aqueles privados de dores, que não determinam dependência, 2. de mensurar a relação prazer-dor de modo que o primeiro resulte sempre superior ao segundo, enfim 3. de conter em um âmbito aceitável os prazeres inferiores.

Isto confirma, segundo Migliori, a centralidade do conceito de Medida, que parece decisivo seja na ação do Princípio ordenador, seja na dimensão ético-política até ao tema da vida boa e feliz, tema final no sentido próprio do "fim" da reflexão ética. Platão refuta os modelos unilaterais e rígidos, como o edonismo e o intelectualismo, mas propõe a construção de uma vida caracterizada por uma mistura medida, obra do *nous*, de todos os conhecimentos possíveis e dos prazeres oportunamente selecionados. A análise evidencia também, neste caso, uma polivalência de modelos de vida boa e feliz (onde os termos estão conexos, porque o Bem é essencialmente Medida e a Felicidade depende da escolha mensurada nos fatores da vida humana): 1) a divina de pura

inteligência e puro prazer; 2) a do filósofo, seguidor do divino *o quanto possível*, que privilegia o pensamento em uma vida sábia e temperante, rica de prazeres puros e dos necessários; 3) a harmônica e mista de um homem *normalmente* virtuoso.

Todavia, Platão parece também consciente da dificuldade que encontra na identificação entre a vida virtuosa e a feliz, sobreposta ao peso condicionante de tantos fatores, também negativos, que constituem a realidade. Para isto, o filósofo, confiando no cuidado divino para com o ser humano, "espera racionalmente" um juízo ulterior, uma fase ultraterrena que puna o mal e pressione uma vida eticamente construída (tema enfrentado por meio dos mitos que fecham os diálogos eticamente e politicamente mais empenhados).

O tratamento sobre os temas políticos também reafirma a intrínseca polivalência da filosofia platônica: a política é confiada ao inteiro social e à alma, enquanto que a função da *polis* é a de consentir ao cidadão que forme no melhor possível.

A proposta política de Platão é evidentemente influenciada pela situação política do tempo, que lhe faz viver com particular intensidade o tema da unidade da *polis*. Esta vem enfrentada na ótica da existência de dois planos da realidade: temos um modelo superior que é a cópia humana, própria em quanto tal, e que não nunca poderá realizar de tudo.

A análise de Migliori se encontra de modo particular sobre três diálogos: 1) a *República* que apresenta o modelo ideal "primeiro"; 2) as *Leis* que fornecem um modelo "segundo", mais concreto, não alternativo ao primeiro do qual depende; a diferença é que o sistema proposto no último diálogo platônico não postula um político dotado de capacidade e poder absoluto, ou melhor assume os limites da condição humana; na consideração dos limites e na variedade das situações concretas, Platão como hipótese propõe também um "terceiro" modelo, sempre baseado no primeiro; 3) o *Político* no qual Platão separa o paradigma ideal da constituição humana e faz compreender que tal modelo, única forma legítima de governo, não vai nunca ser realizado, mas somente imitado.

Na sua análise, Migliori não se aprofunda tanto nos aspectos do conhecidíssimo primeiro modelo ideal, quanto nos dois elementos fundamentais da política humana. O primeiro é constituído de leis, que tem um duplo papel ambivalente: 1.1. de um lado a mesma rigidez leva sempre a um uso absolutamente negativo e pouco racional, 1.2. do outro são normas que como tais podem imitar as normas absolutas e perfeitas dos modelos ideais; no outro 2.1. de um lado vão como defesa da realidade superior, 2.2. do outro, como todos os produtos humanos, estão sujeitos à valorização e podem ser melhorados. O tratamento dos dois aspectos não é porém a nível ético: o respeito às leis tem mais peso do que o respeito à possibilidade de julgá-las e modificá-las; isto é certamente declarado por Platão com a preocupação pelo relativismo anárquico que surge a partir de sua (das leis) constante mudança.

Outro elemento decisivo é constituído pelo verdadeiro político, que deve conhecer a filosofia em grau de fornecer os princípios que permitam construir um sistema de leis adequadas, o quanto possível. Mas o verdadeiro filósofo - que emerge miraculosamente - por ter encarnado todas as virtudes e a excelência política deve ser respeitado porque conhece o risco de abrir a estrada à chegada do tirano, do sofista demagogo. Este poderia apresentar-se, não o sendo, como um "político científico" e pretender não ter vínculos, por isto não respeitaria as leis, trabalhando assim em pleno arbítrio.

O juízo complexo

Enfim, sublinhando como Migliori levanta algumas indicações gerais na sua pesquisa. E antes de tudo recoloca a aporia que é a base de todo o sistema platônico. A Polaridade dos Princípios implicaria na substancial equivalência; no entanto, como foi sublinhado anteriormente, o texto não deixa dúvidas sobre o fato de que estes resultam em níveis ontologicamente e axiologicamente opostos: um está acima do ser e é o Bem, enquanto o outro está abaixo do ser e é o Mal. Tal dualismo, logicamente não recomponível, tem condenado a filosofia de Platão. Isto de fato não tem um séquito, mas abre a estrada a duas soluções muito diversas: Aristóteles e os Neoplatônicos, que procuram resolver a aporia, um renunciando ao Demiurgo e aos Princípios Primeiros, outros eliminando a Polaridade em função de um Uno simples e inefável. Malgrado esta *contradição mortal*, a filosofia platônica, no seu esforço de mensurar-se com a complexidade e a riqueza do real, parece, para Migliori por muitos aspectos mais aberta e certamente mais fascinante a respeito das duas posições que lhes dá origem.

Além disto, de acordo com as indicações metodológicas já levantadas (na força do amor confessado para com os textos do filósofo ateniense), Migliori declara com sabedoria que uma proposta nova como a sua não pode

ser limitada somente a esta elaboração: o trabalho proposto nos dois volumes é somente "um esforço de síntese, uma *série de visões conjuntas* para introduzir o pensamento de Platão, que deveria pois ser verificado em uma série de estudos que enfrenta, por pequenos blocos, *todos os diálogos de Platão*" (p.8).

Trata-se de um ulterior empenho que este estudioso assume em torno de si mesmo e em torno dos leitores, conservando também neste caso o seu extremo realismo: "não poderei por certo completar a verificação analítica deste trabalho. O tempo não é decisão que espera os seres humanos" (pp.9-10). Mas é uma escolha que confirma o quanto foi empregado como na Introdução: "Uma vida sem busca não é digna de ser vivida por um ser humano" (*Apologia* 38A5-6).